

Dados imprevisíveis, tabuleiros viciados

Paulo Rosenbaum

**“Antes de se deter,
em algum ponto último que o sagre,
todo pensamento
emite um lance de dados”**

*“Lance de Dados”, de Stephane Mallarmé
trad. Haroldo de Campos*

É com honra que podemos afirmar que a revista Cultura Homeopática se tornou ao mesmo tempo uma referência e uma novidade no campo homeopático. Isso aconteceu menos por mérito de toda equipe da CH e muito mais pelo esforço dos autores, que num meio de baixíssima produtividade se esmeraram em apresentar o que melhor há em pesquisa e reflexão em nossa arte.

Nesta edição especial bilíngüe, que é anual, algumas de nossas melhores cabeças entraram em nossa pauta tentando o que todos que pesquisam deveriam buscar: fazer os fenômenos falarem de novo, descortinar o que está sob o manto da superfície até que a escavação mostre significados, indícios, às vezes conclusões, certamente o inesperado.

Os unicistas estão saindo finalmente do pedestal para mostrar que há outro tipo de “prova” clínica. E desta vez sem o mirabolante inaplicável, nem a redução mecanicista. Há ainda aqueles que crêem na estratégia de “esconder” seus casos brilhantes sem ao menos se perguntar para qual posteridade secreta os guardarão.

Por isso apresentamos este interessante *case report* “Um caso de disidrose de 20 anos de evolução”, apresentado por Leni Hatsue Yoshihassu e colaboradores. O caso foi elaborado por alunos e auxiliares de docência da EPH que foram indutores e testemunhas de uma interferência homeopática interessante em um ambiente acadêmico, que tem a vantagem de propiciar uma análise mais compartilhada e dialogada da evolução, supressão e conduta clínica.

É este também o espírito do trabalho de Vanessa Guimarães, que nos traz sua lucidez epidemiológica para

mostrar que sim, é possível um modo de investigação que seja matematicamente e probabilisticamente aferível e ao mesmo tempo respeite os pressupostos teórico-práticos do proceder homeopático. Extremamente complexo, mas exequível, considera que a chance epidemiológica quantitativa da homeopatia é o *crossover*, vale dizer fazer estudos tendo o sujeito como seu próprio controle.

O trabalho de Márcia Gutierrez et als., “Validação de técnicas e métodos para a impregnação de glóbulos homeopáticos”, traduz a salutar preocupação de validar os procedimentos da farmacotécnica homeopática com procedimento metódicos e claros. Trata-se de uma área na qual a farmacotécnica homeopática brasileira é sem dúvida uma das mais produtivas e influentes.

O editor desta revista e Silvia W. Priven apresentam “Algumas reflexões acerca dos sintomas em Homeopatia” tentando colocar em evidência aquele que pode ser chamado de átomo da homeopatia: o sintoma. Trata-se de um assunto vital, ainda que seja uma discussão postergada pela comunidade homeopática. Especialmente quando este viés não parte de algo dado, mas entendido desde suas raízes: O que configura um sintoma, como pode ser dividido, quais as implicações semiológicas e terapêuticas envolvidas na admissão, por exemplo, de que existem sintomas constitutivos e sintomas marcadores na evolução de um caso clínico?

Ainda temos o erudito artigo “Hahnemann plagiou Tomás de Aquino?”, de Silvia W. Priven, que emprega a técnica historiográfica de análise. Aborda a polêmica questão do suposto plágio praticado por

Hahnemann que teria evocado idéias e textos inteiros de Tomás de Aquino sem citá-lo como fonte. O homeopata argentino Masi-Elizalde era bastante convicto deste aspecto e perseguia ansiosamente uma contestação que o satisfizesse intelectualmente. Que os leitores possam conferir por onde passeiam os argumentos.

Amarily de Toledo César et als., em “Técnicas de dinamização. Divergências entre o proposto por Hahnemann e o praticado hoje”, também trazem uma questão farmacotécnica fundamental: Será que houve alguma mudança em relação a uma maior compreensão dos fundamentos estabelecidos por Hahnemann?

O artigo “Ontologia da enfermidade”, de nosso colega gaúcho Renato Sampaio de Azambuja, desenvolve reflexões acerca da autopoiese de Maturama, mostrando as interfaces na percepção dos fenômenos saúde-doença que tangenciam a racionalidade vitalista. Subjaz no artigo, portanto, evidentes pontos de interface com a homeopatia, ainda que qualquer transposição linear de uma episteme a outra deva apresentar as tradicionais dificuldades de acoplamento.

O artigo “Semiologia biomédica e seus limites: desvendando caminhos entre o sutil e o evidente”, de Amarylis Triana, vai na trilha de seu doutorado e mostra que a sintonia e as diferenças entre distintas semiologias pode ser uma forma de conhecer as especificidades de cada racionalidade. E é neste trajeto que ela detecta os problemas da semiologia da biomedicina.

Não poderíamos deixar de mencionar nesta edição, com o explícito propósito de homenagear um sujeito que será reconhecido em algum ponto da história como o que nos legou definitivamente uma trilha inexorável para a elucidação das doses infinitesimais. Falamos de Jacques Benveniste, o imunologista francês

que, entre outras contribuições à imunopatologia e alergologia, ousou buscar as explicações necessárias - contra a aposta do fundamentalismo cientificista - para construir um estatuto mais científico para a homeopatia. Seu falecimento ocorreu no dia 2 de outubro, em Paris, aos 69 anos. A mídia impressa noticiou o fato em todo mundo e nos grandes centros brasileiros.

Ainda que a pesquisa básica seja insuficiente para sozinho validar os procedimentos homeopáticos, Benveniste reacendeu um debate que se mantinha morno e o tensionou ao ponto de incandescência dentro do núcleo duro da ciência contemporânea. O que mais chamou a atenção foi a ênfase de que ele se teria se tornado piada entre os cientistas pelas falhas metodológicas - depois admitidas - em seu célebre trabalho sobre a “Memória da Água”, publicado na revista *Nature* em 1988. Ainda segundo esta mesma mídia, ele teria morrido “convencido” de seus pretensos “devaneios”. O que não se divulgou é que suas teorias sobre a ação biológica das doses infinitesimais vêm sendo resgatadas em importantes laboratórios e centros de pesquisa europeus como uma valiosa contribuição à nanotecnologia e ao comportamento da água.

Mesmo que tal resgate não tivesse ocorrido, o mais importante aqui é importante salientar que Benveniste ingressa no rol dos que alimentaram o saber com o progresso de esclarecimentos ainda que o custo tenha sido sua própria reputação, quiçá a abreviação de sua vida. Canguilhem, Thomas Khun e Paul Feyrabend já mencionavam que todo desafio à ciência estabelecida gera, num primeiro momento, recusa e repulsa. Somente o futuro, sempre mais indulgente e reparador, reserva um julgamento menos preconceituoso aos que ousam lançar dados de incerteza no tabuleiro viciado das convicções.